



## Como analisar e interpretar a economia urbana na contemporaneidade? Leituras a partir de uma abordagem multidisciplinar

*How to analyze and interpret the current urban economy? Readings from a multidisciplinary approach*

Renan Augusto Ramos  

Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.  
E-mail para correspondência: renan.aug.95@gmail.com

Recebido (Received): 20/06/2022  
Aceito (Accepted): 25/04/2023

**Resumo:** Os problemas existentes no mundo do trabalho crescem em escala global devido aos processos de precarização, reestruturação produtiva e globalização neoliberal. A partir disso, estratégias alternativas de geração de trabalho e renda ganham relevância tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento. Esse artigo oferece algumas considerações teóricas que são capazes de explicar a diversidade econômica existente, sobretudo, no Sul global. A base empírica de investigação foi o município de Araraquara, localizado no estado de São Paulo. As feiras no espaço público são vistas como espaços econômicos alternativos que favorecem essas estratégias de geração e/ou complementação da renda dos grupos sociais. Após análise crítica dos dados levantados na feira intitulada “Rolêfeira”, o artigo propõe, em caráter exploratório, a ideia de “economia criativa e popular” para interpretar uma parcela da realidade econômica encontrada no espaço urbano das cidades. Essa proposta conceitual abrange as atividades econômicas que surgem como respostas à precariedade e aos baixos salários encontrados no mercado de trabalho. O princípio da criatividade é visto enquanto um processo cognitivo que transforma certo conhecimento e habilidade em uma atividade econômica capaz de gerar renda. Em síntese, o artigo chama a atenção para as várias formas de organização socioeconômica dos sujeitos devido às dificuldades e pressões vivenciadas na esfera da reprodução social.

**Palavras-chave:** Diversidade econômica; Mercado de trabalho; Espaço urbano; Trabalho e renda.

**Abstract:** *The existing problems in the world of work grow in global scale due to processes like precarization, productive restructuring and neoliberal globalization. Under these circumstances, alternative income and work strategies arise as centrals to both developed and developing countries. The article provides a theoretical framework able to explain the existing economy diversity mainly in the global South. The empirical basis of investigation was the city of Araraquara, located in the state of São Paulo. The street markets in the public space are seen as alternative economic spaces which promote these strategies of income generation or supplementation of the social groups. After a critical reflection of the data collected during “Rolêfeira” street market, the article proposes the “creative and popular economy” notion to comprehend a share of the economic reality found in the cities’ urban space. This notion encompasses the activities which emerge as answers to the precarity and poor-payment found in the current labor market. The creativity tenet is seen as a cognitive process which transforms a knowledge or skill into an activity able to provide income. In summary, the article draws attention to the several ways of socioeconomic organization due to the pressures lived in the social reproduction sphere.*

**Keywords:** *Economic diversity; Labor market; Urban space; Work and income.*

### 1. Introdução

O debate sobre o mundo do trabalho contemporâneo ganha novos contornos em função da complexidade produzida mediante os processos de precarização do trabalho, da reestruturação produtiva, bem como da própria globalização neoliberal (ANTUNES, 2009; de PEUTER, 2011; KALLEBERG, 2013; FERREIRA, 2016; SIEGMANN e SCHIPHORST, 2016). No entanto, a expansão de formas e feições precárias de trabalho não deve ser vista, no Sul global, enquanto um resultado exclusivo do período contemporâneo (SCULLY, 2016). A precariedade é um fenômeno amplamente conhecido no território dos países em

desenvolvimento, com desdobramentos diretos nas formas de trabalho observadas no espaço urbano. Não é segredo, portanto, a condição de precariedade vivenciada nesses países e seus amplos efeitos nas distintas esferas da sociabilidade humana (MUNCK, 2013). A partir disso, o artigo propõe um debate acadêmico que tem na diversidade econômica a sua ênfase de discussões. O conjunto multifacetado de atividades econômicas de pequena escala, que estão orientadas para a reprodução econômica e social dos grupos não dominantes, é o fenômeno de maior interesse para esse trabalho.

Muitos acadêmicos trabalharam com distintos referenciais teórico-conceituais para compreender a complexidade que existe no interior das várias formas de manifestação concreta da economia (HART, 1993; CORAGGIO, 1998; WEBB *et al.*, 2009; HESPANHA, 2009; ICAZA e TIRIBA, 2009). O processo de desenvolvimento da economia capitalista, em sua forma hegemônica, subordinou as demais feições de atividades, colocando em segundo plano suas racionalidades. A partir disso, a pluralidade foi interpretada como uma espécie de dissidência do sistema dominante. O objetivo do artigo é demonstrar o potencial interpretativo da economia de base não capitalista, ou seja, que foge aos imperativos da acumulação de capitais. O período contemporâneo reforça o vigor e a centralidade das alternativas econômicas às deficiências encontradas no mercado de trabalho convencional. Hespanha (2009) apresenta a vitalidade dessas outras estratégias de trabalho e renda enquanto mecanismos fundamentais para a reprodução social e econômica dos grupos não hegemônicos da sociedade. A perspectiva crítica da ciência econômica convencional ganha espaço cada vez maior (GAGO *et al.*, 2018). Desse modo, o debate desenvolvido nesse artigo pretende demonstrar como as demais ciências sociais têm a capacidade de explicar os fenômenos econômicos em suas diversas esferas de sociabilidade, não somente priorizando por uma lógica da razão econômica e instrumental.

As principais formulações utilizadas no artigo para analisar e interpretar a variedade econômica que existe no espaço urbano foram: i) a teoria dos circuitos da economia urbana; ii) as considerações sobre a economia informal; iii) as propostas e problematizações sobre a economia popular; iv) a própria transversalidade da precariedade no trabalho; e v) a construção da ideia de “economia criativa e popular”. Cada uma dessas formulações cumpre o papel de complementar as possibilidades analíticas da diversidade econômica existente nas cidades. A teoria dos circuitos econômicos surge a partir das deficiências interpretativas da realidade da economia urbana em países “subdesenvolvidos”, constatadas pela utilização de modelos transpostos do centro do sistema mundial (SANTOS, 2018). A economia informal reafirma a impossibilidade de seus agentes para atuar mediante relações formalizadas. Esse campo de estudos chama a atenção para os limites de integração ao regime de trabalho assalariado, mostrando como parcelas expressivas da população acabam fazendo parte desse setor (GODFREY, 1999; ÁLVAREZ, 2018). Apesar de ser um espaço de problematização constante, a noção de economia popular apresenta um potencial, pois coloca centralidade nos princípios da reprodução econômica e social do bem estar (HESPANHA, 2009; ICAZA e TIRIBA, 2009). A racionalidade dominante não está baseada na ideia de lucro ou acumulação de capitais, mas sim na possibilidade de satisfação do sustento e, em última instância, na ascensão social por meio do trabalho. Sobre a precariedade, o artigo reforça como essa condição está presente de uma forma multidimensional nas cidades contemporâneas. Ela atinge não somente as esferas do trabalho, mas também da saúde, moradia, bem estar e afins (LEE e KOFMAN, 2012; SCHIERUP e JORGENSEN, 2016; ÁLVAREZ, 2018). Ou seja, impacta diretamente nas condições concretas de expansão dessas estratégias alternativas de geração de trabalho e renda. A própria “economia criativa e popular” também pode vivenciar uma experiência ampla de precariedade. Esse segmento está relacionado às habilidades e conhecimentos pessoais que são transformados, por meio de um processo cognitivo de criatividade, em uma atividade econômica capaz de gerar renda para os seus responsáveis. Por fim, o potencial interpretativo está presente no fato de enfatizar a inventividade dos sujeitos para superar os problemas colocados na esfera da provisão.

O artigo, para atingir os seus objetivos, parte de uma bibliografia multidisciplinar capaz de analisar, de forma complementar, distintas racionalidades econômicas presentes no espaço urbano. A literatura articula perspectivas da geografia econômica com as demais áreas do conhecimento das ciências sociais. Ao mesmo tempo, o artigo desenvolve uma análise crítica sobre os dados e informações coletadas no espaço econômico alternativo da “Rolêfeira”, durante os anos de 2019 e 2020. A ideia de “economia criativa e popular” surge como uma possibilidade de interpretação para essa diversidade econômica encontrada não somente nas cidades brasileiras, mas também nos demais contextos socioespaciais. Nesse sentido, o artigo está dividido em três principais seções, sendo elas: i) Considerações teóricas iniciais; ii) Caso empírico, metodologias e dados levantados; e iii) A análise da diversidade econômica. A primeira seção tem como objetivo apresentar um amplo referencial teórico-conceitual que seja capaz de demonstrar as principais correntes de interpretação da economia nos países em desenvolvimento, bem como os seus elementos de complexidade no espaço urbano. A segunda seção apresenta o caso empírico de Araraquara, localizada no estado de São Paulo, que trouxe sustentação às propostas trabalhadas ao longo do artigo. O interesse não é reforçar uma

interpretação exclusiva sobre o contexto socioespacial dessa cidade em específico, mas sim utilizar a realidade encontrada no local como fonte de inspiração para expandir a proposta até a compreensão de outras realidades, contextos e situações geográficas. Desse modo, é importante destacar o caráter exploratório presente nessa proposta, oferecendo elementos analíticos baseados em amplas discussões sobre o desenvolvimento do mercado de produção de valores por todo o mundo, sobretudo no Sul global. A última seção traz não somente uma síntese sobre a existência de uma diversidade econômica, mas também reconhece como as interpretações precisam ser construídas e reconstruídas a todo o momento, tendo em vista as distintas formas de uso e apropriação do espaço urbano.

## 2. Considerações teóricas iniciais

O mundo do trabalho contemporâneo está passando por profundas transformações principalmente em função da crise encontrada no padrão capitalista de acumulação ampliada (ANTUNES, 2009). Os empregos estáveis e duradouros foram substituídos por formas flexibilizadas de organização do trabalho, assim como o enfatizado por Antunes (2009). Essas mudanças no padrão de acumulação trouxeram à tona uma série de processos no mundo do trabalho, tais como a desregulamentação, as taxas crescentes de arranjos não convencionais de emprego, a terceirização, bem como as novas relações políticas entre o capital e o trabalho (BENACH e MUNTANER, 2007; KALLEBERG, 2013). A própria globalização neoliberal impulsiona antigas problemáticas, conflitualidades e antagonismos no mundo do trabalho que são sobrepostos às dinâmicas do período atual. A partir disso, um conjunto multidimensional de desafios são constatados na dimensão contemporânea do trabalho, aprofundando os esforços de reprodução social e econômica dos grupos sociais não hegemônicos (GAGO *et al.*, 2018). São encontradas distintas feições de práticas econômicas e espaciais em função das pressões cotidianas por sustento nas cidades. O espaço urbano, nesse sentido, concentra um conjunto extremamente diverso de atividades de pequena escala orientadas à reprodução desses grupos (GIBSON-GRAHAM, 2008; FICKEY, 2011). Em função desse contexto de complexidades, são fundamentais as iniciativas de compreensão dessa diversidade econômica encontrada nas cidades, sobretudo por parte das geografias urbana e econômica. As próximas seções do artigo irão apresentar uma discussão teórico-metodológica capaz de analisar, de forma complementar, toda essa complexidade e variedade de atividades econômicas existentes no espaço urbano das cidades contemporâneas.

### 2.1. Os circuitos da economia urbana

A proposta teórica dos dois circuitos da economia urbana é resultado direto das deficiências analíticas que surgiam em função da transposição de modelos interpretativos produzidos para a realidade dos países desenvolvidos. Santos (2018), a partir disso, elabora esse arcabouço teórico-metodológico para suprir essas lacunas de compreensão sobre o espaço econômico das cidades dos países denominados “subdesenvolvidos”. A teoria reconhece, essencialmente, a existência de dois circuitos da economia urbana, sendo eles o inferior e o superior. O período das modernizações desses territórios é o principal referencial de surgimento dos subsistemas da economia urbana, produzindo suas feições geográficas, características e aspectos estruturais de incorporação das tecnologias e dos capitais (SILVEIRA, 2015). Os dois subsistemas estão articulados entre si, mantendo relações de dominância do superior em relação ao inferior, bem como de competitividade também (SILVEIRA, 2007; 2009). O circuito superior da economia urbana representa o conjunto de atividades econômicas que possuem altos níveis de capitais e de técnicas produtivas, típicos da economia de grande escala. Por outro lado, o circuito inferior da economia urbana corresponde às adaptações do sistema econômico para suprir as demandas por consumo dos grupos sociais menos favorecidos. É composto, sobretudo, por atividades de pequena escala que utilizam técnicas menos modernas de produção, com capitais reduzidos ao mínimo, sendo a força de trabalho o principal recurso nesse subsistema. No entanto, é preciso ressaltar a complexidade desse circuito a partir do momento em que passa a agir em escalas produtivas e de consumo mais amplas, ultrapassando o seu lugar de origem (CATAIA e SILVA, 2013).

A retomada das discussões com base nos circuitos da economia urbana parece ser muito interessante para o período atual em função das dificuldades generalizadas na dimensão do trabalho e da renda. Existem diversos problemas na dimensão do trabalho contemporâneo, expressos pelo desemprego estrutural, pela própria precarização, entre outros processos que ampliam as dificuldades de reprodução econômica e social no capitalismo contemporâneo (ANTUNES, 2009). A partir disso, o circuito inferior ganha relevância na medida em que representa uma estratégia constante de ocupação econômica no espaço urbano das cidades por sua facilidade de inserção (SANTOS, 2018). Não é segredo que os grupos sociais estão a todo momento organizando práticas econômicas como estratégias alternativas de geração de trabalho e renda nas cidades.

Desse modo, o interesse é reconhecer a centralidade desse referencial teórico em consonância com as considerações trazidas por Silveira (2007). A autora avalia que o circuito inferior não deve ser visto como um fardo à economia geral de um determinado território, pois abrange o conjunto de saídas criativas e dinâmicas ao desemprego entre parcelas expressivas das populações do Sul global. Portanto, o artigo enfatiza que essa retomada se sustenta devido ao avanço cada vez mais acelerado de alternativas não somente ao desemprego, mas ao próprio avanço dos processos de precarização do trabalho em si.

## 2.2. As economias informal e popular

Não é segredo que o arcabouço teórico existente sobre as economias informal e popular tem bastante expressividade entre os estudiosos da América Latina (FRANÇA FILHO, 2002; TIRIBA, 2004; ICAZA e TIRIBA, 2009; FERREIRA, 2016; ÁLVAREZ, 2018; GAGO *et al.*, 2018; MARTÍNEZ *et al.*, 2018). As discussões desenvolvidas partem da ideia de uma ampla heterogeneidade de práticas econômicas que percorrem a realidade das cidades contemporâneas, expressão da própria pluralidade socioespacial. Estão presentes diversos padrões de associação dos sujeitos, segmentos econômicos e racionalidades internas que tornam o consenso acadêmico tarefa cada vez mais difícil. Em síntese, é possível reconhecer que a principal racionalidade dessas economias seria a busca pela reprodução social e econômica de seus agentes, permitindo alguma reserva para acessar o consumo moderno ou, até mesmo, ampliação dos níveis de bem-estar. Esse princípio vai na direção oposta da razão instrumental, que opera suas atividades com base na acumulação de capitais. A orientação temporal está relacionada com a escala curta de tempo, sendo o cotidiano próximo o seu maior ponto de referência. Após essas primeiras considerações, o artigo vai aprofundar no desenvolvimento teórico e conceitual dessas duas economias, iniciando pela economia informal e, posteriormente, enfatizando a economia popular.

A economia informal foi tema de interesse para diversos autores que partiram de distintos contextos socioespaciais para elaborar suas formulações (HART, 1973; HABIB-MINTZ, 2009; YUSUFF, 2011; CHEN, 2012). Webb *et al.* (2009) enfatizaram um aspecto da economia informal que, em primeira análise, pode parecer ambíguo e contraditório. A complexidade está relacionada ao fato de avaliar o caráter ilegal dessas atividades ao mesmo tempo em que são legítimas. Tudo isso está diretamente associado à legitimidade conferida pelos distintos grupos sociais aos bens e serviços produzidos sem regulamentação. De outro modo, é possível considerar a economia informal enquanto um setor que produz bens, serviços e mercadorias legais de um modo não regulamentado (NICTER e GOLDMARK, 2009). Vale destacar que os termos “legais” e “legítimos” fazem referência àquilo que não se enquadra na ilicitude, tais como as drogas, entorpecentes, tráficos e afins. Outra questão muito importante diz respeito à organização do trabalho na economia informal. Partindo das análises de Martínez *et al.* (2018), é possível avaliar que as principais características desse trabalho estão baseadas na inexistência de regulamentação e de proteção social propriamente dita. Munck (2013), de modo complementar, reconhece que o setor é composto por um conjunto de trabalhadores à margem da formalidade do sistema capitalista, sendo essas práticas econômicas unidas pelo fato de estarem fora do alcance das leis trabalhistas.

O rápido processo de urbanização brasileira potencializou, assim como nos demais países latino-americanos, problemas socioespaciais no decorrer das modernizações (GODFREY, 1999). Entre um desses problemas está a perda de capacidade de gerar empregos por meio de relações contratuais formalizadas (MUNCK, 2013). O sistema, nesse sentido, não foi capaz de gerar empregos formais em função do volume expressivo de sujeitos e grupos sociais que demandavam ocupação econômica nas cidades. Outras formas de organização econômica ganharam evidência devido às relações salariais típicas do fordismo não terem sido difundidas na totalidade do território nacional (COSTA, 2016). De alguma forma, o período atual também remete a essa problemática. A taxa atual de desemprego atinge pouco mais de 11% da força de trabalho, ao passo em que o desalento concentra cerca de 5 milhões de indivíduos, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essas estatísticas reforçam a centralidade das práticas econômicas que surgem como estratégias alternativas aos problemas estruturais do mercado de trabalho atual. Ou seja, ao mesmo tempo em que estão desvinculados dos circuitos formais de emprego, os sujeitos não hegemônicos estão a todo momento organizando iniciativas alternativas para a geração de trabalho e renda no espaço urbano. Isso se deve, sobretudo, às pressões cotidianas exercidas pelas contas domésticas, alimentação, transporte e afins.

O conceito de economia popular, assim como ressaltado acima, representa um campo teórico que serve para identificar um conjunto muito diverso de atividades econômicas (FRANÇA FILHO, 2002). Suas formulações representam um local de constante problematização teórica e empírica, sobretudo pelas perspectivas construídas e reconstruídas a partir de distintos olhares e abordagens acadêmicas (GAGO *et al.*,

2018). Um ponto interessante de partida parece ser a concepção adotada por autores como Tiriba (2004) e Hespanha (2009). A ideia principal coloca a racionalidade desse segmento orientada para a reprodução social e econômica do bem-estar de seus responsáveis. Em resumo, não compartilha dos princípios capitalistas tradicionais na medida em que fortalece redes de cooperação baseadas na proximidade entre os sujeitos e grupos sociais. É importante reconhecer que a economia popular está constantemente (re)conceitualizando o que é entendido por trabalho, reforçando a criatividade, bem como as capacidades de adaptação frente às pressões cotidianas por sustento, reprodução social e econômica (GAGO *et al.*, 2018).

A partir dessas considerações, o artigo avalia que existem diversas semelhanças entre esses dois segmentos da economia, tanto no aspecto da racionalidade quanto nas formas de organização do trabalho. A pluralidade representa, assim como o destacado anteriormente, uma característica muito expressiva nesse universo de atividades econômicas já que existem distintas formas de uso e apropriação do espaço urbano. A crise estrutural do emprego, nos termos de Tiriba (2004), faz com que as pessoas criem e recriem estratégias variadas de trabalho e renda, produzindo vários mundos do trabalho. Esse processo acontece como um meio de acomodar parcelas expressivas das populações que demandam ocupação econômica nas cidades. No entanto, a realidade dessas estratégias enfrenta uma série de desafios de autorrealização. A precariedade torna ainda mais complexo os movimentos de reprodução econômica e social dos grupos vinculados a esses setores não hegemônicos. Em seguida, o artigo apresenta como a precariedade é capaz de condicionar outras iniciativas de organização social, econômica e política dos sujeitos nas cidades contemporâneas, com ênfase no Sul global.

### **2.3. A precariedade e outras racionalidades**

O debate acadêmico sobre a noção de precariedade tem recebido cada vez mais atenção no interior das ciências sociais (SCHIERUP e JORGENSEN, 2016; ÁLVAREZ, 2018; SMITH e MCBRIDE, 2021). A ideia de precariedade precisa ser lida de uma forma multidimensional, articulando as esferas da produção, da distribuição, do consumo e do próprio trabalho. No entanto, é preciso reconhecer a influência que as condições de precariedade têm na vida dos indivíduos como um todo. Segundo Álvarez (2018), existe um número crescente de pessoas inseridas em situações de precariedade no capitalismo contemporâneo. Esse fenômeno é observado não somente nos países em desenvolvimento, mas também nos próprios países desenvolvidos (ANTUNES, 2009; SIEGMANN e SCHIPHORST, 2016). Desse modo, as condições atuais da globalização neoliberal produzem uma dinâmica que é capaz de abranger a totalidade do sistema mundial. O que antes era “exclusividade” da periferia do sistema, agora faz parte também da realidade dos países centrais.

O enfraquecimento das relações contratuais típicas do fordismo é o grande referencial de surgimento desse debate acadêmico na língua inglesa (de PEUTER, 2011; SCHIERUP e JORGENSEN, 2016; SIEGMANN e SCHIPHORST, 2016). No geral, são formulações que levam em conta uma perspectiva baseada em modelos eurocêntricos e estadunidenses de análise. Não é segredo que a globalização neoliberal intensifica antigas problemáticas na esfera do trabalho nos países do Sul global, sobretudo em função das pesquisas sobre o trabalho precário (FERREIRA, 2016; SCULLY, 2016). Autores como Munck (2013) e Scully (2016) reconhecem que o surgimento e a expansão de formas e feições precárias de trabalho não são exclusividade da atual reestruturação flexível. São, na verdade, uma realidade anterior a esse processo, que produziu uma diversidade expressiva de atividades econômicas alicerçadas em outros princípios e racionalidades. A partir disso, o artigo tem como referência a definição de precariedade desenvolvida por Ferreira (2016). A autora constrói sua perspectiva baseada nos déficits que os trabalhadores estariam sujeitos em pelo menos uma de cinco principais dimensões, sendo elas: i) proteção social e seguridade; ii) segurança de renda; iii) estabilidade; iv) condições seguras e decentes de trabalho; e v) diálogo social e participação. Portanto, os indivíduos expostos a pelo menos uma dessas cinco dimensões estariam vivenciando, em certa medida, uma experiência de precariedade no mundo do trabalho.

Feitas essas considerações, é possível justificar o pressuposto da multidimensionalidade do fenômeno da precariedade destacado anteriormente. Lee e Kofman (2012) afirmam que a precariedade produz crises tanto na esfera da produção material quanto na própria esfera da reprodução social dos indivíduos nos países em desenvolvimento. Desse modo, a precariedade é entendida como uma realidade concreta que ultrapassa as condições de trabalho em si, atingindo os próprios aspectos da saúde, da moradia, bem como dos direitos sociais (SCHIERUP e JORGENSEN, 2016). O escopo do artigo está centrado no modo como essa experiência de precariedade fornece as bases reais para a organização de estratégias individuais e/ou coletivas para a produção do sustento (ÁLVAREZ, 2018). As pressões cotidianas na esfera da provisão evidenciam a centralidade dessas alternativas econômicas no espaço urbano das cidades contemporâneas. A

ideia de “potencia”, trabalhada por Habermehl (2021), pode oferecer uma percepção interessante para essa questão. A autora destaca que essa ideia reconhece as diversas possibilidades de organização dos sujeitos dentro dos processos de produção, distribuição e consumo. Tudo isso relacionado aos antagonismos, conflitos e contradições produzidos pelas relações produtivas dominantes. Nesse sentido, é fundamental a relevância, bem como o impacto, dessas redes alternativas de produção, distribuição e consumo para a reprodução social e econômica de parcelas importantes da população.

### 3. Caso empírico, metodologias e dados levantados

A sustentação dos argumentos e ideias presentes nesse artigo leva em conta uma análise, sobretudo qualitativa, dos dados e informações levantados na realidade empírica do município de Araraquara, estado de São Paulo. Os procedimentos metodológicos utilizados correspondem: i) à revisão sistemática de uma bibliografia multidisciplinar, alinhada aos temas de interesse da geografia econômica; ii) aos trabalhos de campo realizados na feira intitulada “Rolêfeira”; iii) às entrevistas semiestruturadas com os agentes bem-informados sobre o tema da pesquisa; e iv) à análise crítica dos dados quantitativos coletados mediante à aplicação dos questionários com os expositores das feiras. O artigo incorporou distintas referências dentro das ciências sociais para promover uma análise transversal sobre o tema da diversidade econômica, suas formas variadas de manifestação, feições geográficas e racionalidades. A efetivação dessa proposta coloca como central os debates sobre as estratégias alternativas de geração de trabalho e renda no espaço urbano, principalmente em razão das complexidades existentes no interior do mundo trabalho contemporâneo. Os trabalhos de campo ocorreram ao longo dos anos de 2019 e 2020, antes da suspensão das edições das feiras em função da crise sanitária produzida pandemia do Covid-19. Essas observações ofereceram perspectivas gerais sobre as interações socioespaciais entre consumidores, expositores, comissão organizadora, artistas e demais grupos sociais presentes. A leitura desse local é feita por meio de uma abordagem da diversidade econômica, que reconhece a feira no espaço público enquanto um espaço econômico alternativo central para essas estratégias de composição da renda dos sujeitos. As entrevistas semiestruturadas apresentaram eixos estruturantes de questões, com o objetivo de fazer com que os agentes bem informados verbalizassem sobre a temática proposta. Ao todo, foram realizadas quatro entrevistas principais, sendo duas delas com feirantes, uma com a comissão organizadora da feira e, por fim, uma com o quadro administrativo do governo local. O objetivo foi entender questões amplas sobre o processo de implementação dessas atividades econômicas, desse espaço econômico, bem como de políticas públicas de incentivo ao segmento. A análise crítica dos dados quantitativos foi baseada no levantamento realizado com 44 práticas econômicas vinculadas ao espaço das feiras. Essas informações abarcaram o aspecto da dimensão estrutural de organização dos agentes, bem como de suas atividades capazes de gerar trabalho e renda no espaço urbano. Com a articulação de cada um desses procedimentos metodológicos, o artigo trouxe a ideia de “economia criativa e popular” enquanto uma proposta analítica para a diversidade econômica encontrada nas cidades contemporâneas, ao mesmo tempo em que reforça a relevância dos espaços econômicos alternativos. É preciso, de antemão, evidenciar o caráter exploratório que existe nesse trabalho, priorizando por possibilidades analíticas abertas às problematizações e debates ao invés de uma argumentação teórica fechada em si mesma. O artigo também não retoma todos os detalhes alcançados com os procedimentos metodológicos, pois o mais importante é a construção de uma proposta teórica plausível para outras realidades empíricas, deixando em segundo plano o detalhamento excessivo sobre o lugar da pesquisa. Portanto, a situação geográfica encontrada na cidade de Araraquara fornece as inspirações gerais para um modelo de interpretação capaz de ser discutido em outras formações socioespaciais.

### 4. A análise da diversidade econômica

O campo de estudos sobre a diversidade econômica cresceu exponencialmente entre os estudiosos da geografia econômica (GIBSON-GRAHAM, 2008; HEALY, 2009; FICKEY, 2011; GRITZAS E KAVOULAKOS, 2015). A autora Gibson-Graham (2008) foi pioneira ao pensar a possibilidade de um conjunto de pesquisadores interessados na temática da diversidade. As abordagens teóricas nesse campo possuem traços em comum, sobretudo em relação à complexidade e pluralidade de formas de produção, distribuição e consumo nas cidades, bem como em relação à existência de espaços alternativos de trocas econômicas. O artigo coloca no centro da discussão o contexto latino americano, em especial o brasileiro, pois a formação socioespacial desse conjunto de países parece ser um terreno fértil para o desenvolvimento dessas discussões. Os altos níveis de desemprego e de informalidade, e as próprias deficiências existentes na esfera do trabalho promovem uma série de iniciativas diversas dos sujeitos para compor suas rendas. Esse fenômeno faz não somente surgir essas outras estratégias no campo econômico, social e político, mas

também traz a expansão em função das amplas dificuldades encontradas na dimensão da reprodução social dos grupos não hegemônicos.

Partindo das reflexões propostas por Fickey (2011), é preciso reconhecer a importância do papel desempenhado pela diversidade econômica na esfera da reprodução dos grupos sociais. Essas atividades econômicas representam os meios e as estratégias de superação dos “piores excessos decorrentes do fracasso das instituições econômicas formais” (FICKEY, 2012, p. 240). As deficiências do mercado de trabalho, entendidas como os elementos que não permitem a estabilidade e a segurança dos sujeitos na esfera econômica, vão condicionar novas estratégias de geração de trabalho e renda nas cidades contemporâneas. Esse aspecto é fundamental para sustentar o argumento sobre a América Latina ser produtiva para essas discussões da diversidade econômica. A partir disso, é possível afirmar a existência de todo um setor econômico baseado no trabalho intensivo dos sujeitos, criado e recriado na escala do lugar (SANTOS, 2018). Esse pressuposto reforça a busca criativa pela resolução de problemas concretos encontrados no cotidiano das pessoas, ou seja, a superação das barreiras encontradas na esfera da reprodução econômica e social desses agentes. As formulações de Santos (2017) permitem observar que, ao lado de uma racionalidade orientada para as grandes corporações da economia globalizada, existe também uma estrutura de integração econômica das camadas sociais mais vulneráveis. A dinâmica resultante desse processo é a expressão máxima da pluralidade de formas de organização dos indivíduos no espaço urbano, sendo a experiência da precariedade a condicionante central desse fenômeno. Como destacado anteriormente, essa precariedade deve ser vista como uma realidade anterior à globalização neoliberal, fortalecendo as redes de organização pensadas fora dos princípios do sistema capitalista dominante. Nesse sentido, as múltiplas formas existentes de garantia do sustento demonstram a dependência dos sujeitos por processos econômicos que, em essência, não são capitalistas (FICKEY, 2011).

Muitas questões e problematizações podem ser levantadas a partir dessas leituras sobre a pluralidade de práticas econômicas encontradas nos territórios do Sul global. Em síntese, os problemas e as desigualdades socioeconômicas enfrentadas por parcelas significativas da população desses países produziram, desde muito antes do período atual, as condições materiais para o surgimento e expansão dessa diversidade. É preciso construir e reconstruir constantemente, de forma crítica, uma abordagem sobre as estratégias alternativas de geração de trabalho e renda que seja capaz de analisar e interpretar frações dessa complexidade toda. Esse interesse ganha ainda mais justificativa em razão das formas alternativas de organização, econômica, política e social, representarem um tema em ascensão entre os pesquisadores das ciências sociais (GRITZAS e KAVOULAKOS, 2015). Do mesmo modo que Gago *et al.* (2018) trouxeram uma perspectiva interessante sobre a necessidade de crítica à ciência econômica tradicional nos estudos sobre a economia popular, o artigo tem o interesse de fazer algo semelhante. A proposta, então, é contribuir com o campo de estudos sobre diversidade econômica ao trazer a ideia de “economia criativa e popular” para interpretar as estratégias de geração de trabalho e renda no espaço urbano. A seguir, será enfatizado cada um dos elementos centrais para essa chave analítica, destacando o seu aspecto também multidimensional.

#### **4.1. A economia criativa e popular**

O entendimento da “economia criativa e popular” demanda a articulação de um conjunto multidisciplinar de inspirações teóricas e conceituais, promovendo a aproximação entre diversos estudos sociológicos, econômicos e geográficos. Assim como o ressaltado em outros momentos do artigo, o debate acadêmico precisa chamar cada vez mais atenção para as práticas econômicas que surgem em decorrência das adaptações do sistema da economia urbana (SANTOS, 2018). Smith e McBride (2021) discutem sobre as implicações da má remuneração e dos vários empregos simultâneos no Reino Unido, realçando os efeitos dessa realidade nas interações entre vida e trabalho, seus dilemas e problemáticas. Mesmo pensando a partir de um contexto eurocêntrico, essa discussão parece ser um ponto de partida interessante para refletir sobre o caso brasileiro e dos demais países em desenvolvimento. Os altos índices de desemprego, a má remuneração em empregos precários, bem como o descontentamento com o próprio mercado de trabalho convencional são condicionantes concretas para o aumento das múltiplas tarefas desempenhadas no domínio econômico pelos sujeitos não hegemônicos. A partir dessa situação, os indivíduos organizam atividades de pequena escala como uma iniciativa para prover e/ou complementar o seu orçamento doméstico. Esse aspecto é fundamental para a compreensão do segmento da “economia criativa e popular” nas cidades.

Antes de aprofundar na multidimensionalidade da “economia criativa e popular”, a ideia de trabalho cognitivo precisa ser enfatizada. Esse trabalho cognitivo estaria presente no decorrer do processo de implementação de uma atividade econômica capaz de gerar trabalho e renda no espaço urbano. Daminger (2019) identifica quatro componentes fundamentais para a conceituação de trabalho cognitivo, sendo eles: i)

a antecipação; ii) a identificação; iii) a decisão; e iv) o monitoramento. Cada um desses componentes expressa uma etapa distinta do processo de organização de uma prática econômica orientada à superação de problemas na esfera da provisão material. O primeiro diz respeito ao momento em que a pessoa reconhece a existência de um problema na dimensão das necessidades que precisa ser resolvido com certa urgência. O segundo abrange o processo de identificação das possíveis soluções para esse problema anteriormente identificado. Em seguida, o terceiro componente representa a escolha pela organização, por conta própria, de uma atividade econômica baseada em um determinado conhecimento ou habilidade aprendida ao longo da vida. O último passo compreende o monitoramento dessa atividade para observar se ela ainda continua atingindo os seus objetivos inicialmente pensados. Todos esses componentes, ao serem observados de forma articulada, reconstróem o processo de surgimento das atividades econômicas vinculadas ao setor da “economia criativa e popular”.

A criatividade é um dos princípios fundamentais para a noção de “economia criativa e popular”. Combinando esse elemento com a discussão anterior sobre trabalho cognitivo, é possível entender o exercício da criatividade enquanto o processo cognitivo no qual um determinado conhecimento pessoal é transformado em uma atividade capaz de gerar renda. Realidade semelhante é observada a partir das considerações de autores como Higgs *et al.* (2008) e de Peuter (2011). Suas discussões foram desenvolvidas com ênfase nas indústrias criativas e o modo com o qual elas estão relacionadas aos talentos e habilidades individuais que são capazes de gerar riqueza, empregos e propriedade intelectual. No entanto, o segmento da “economia criativa e popular” funciona em outro nível de compreensão. A escala temporal é orientada em função do cotidiano, tanto na busca pelas respostas aos compromissos mais urgentes, como contas domésticas, aluguéis, alimentação e transportes, quanto nas aspirações e vontades de consumo, como viagens a lazer, bens eletrônicos e afins. A escala econômica, por sua vez, não é capaz de levantar grandes volumes financeiros em função dos seus próprios fatores limitantes, resultados das formas de organização do trabalho e de seus capitais reduzidos ao mínimo que desaceleram, ou até mesmo impedem, a expansão dos empreendimentos. Portanto, esse segmento não pode ser analisado de acordo com uma perspectiva empresarial, já que os seus princípios não estão relacionados à acumulação iguais aos das empresas capitalistas tradicionais.

A proposta do artigo é aproximar as formulações sobre a economia criativa e sobre a economia popular para trazer um debate novo sobre o segmento da “economia criativa e popular”. Em síntese, a economia criativa coloca no foco da discussão a utilização do capital intelectual e cultural para a geração de riquezas, ao passo em que a economia popular está vinculada à ideia de suavização dos problemas encontrados na dimensão da provisão, colocando foco na ascensão por meio do trabalho. O trabalho intensivo nessas iniciativas alternativas enfatiza a centralidade dos saberes pessoais e da força física em relação ao próprio capital. O fato é que as atividades da “economia criativa e popular” não são exemplos isolados dessa diversidade econômica das cidades. Habermehl (2021) chamou a atenção para o fato de as alternativas ao capitalismo serem verdadeiras respostas baseadas na resistência aos imperativos das relações capitalistas de produção. A partir dessa abordagem analítica, o artigo reconhece a multidimensionalidade presente na “economia criativa e popular”, destacando sua escala de atuação, racionalidades e lógicas internas de funcionamento.

#### 4.2. Um exemplo concreto do segmento

A noção de “economia criativa e popular” é uma tentativa de interpretação da complexidade existente nas práticas econômicas atualmente. Os recursos utilizados para a construção dessa proposta conceitual estão relacionados aos procedimentos metodológicos incorporados nas pesquisas empíricas no município de Araraquara, estado de São Paulo. Em especial, o artigo ressalta os trabalhos de campo no espaço da “Rolêfeira” entre os anos de 2019 e 2020, as entrevistas com os agentes bem informados e a análise crítica sobre os dados primários de 44 atividades vinculadas aos espaços econômicos dessas feiras. O atual aprofundamento da experiência de precariedade ao redor do mundo reflete em muitos problemas na esfera do trabalho e da renda. Pensar a existência do segmento da “economia criativa e popular” enfatiza as estratégias sociais dos sujeitos para reinventar suas possibilidades de reprodução social e material no interior das cidades. Em seguida, o artigo caracteriza a experiência concreta desse setor da economia urbana, levando em consideração a realidade empírica de Araraquara.

A discussão sobre o segmento da “economia criativa e popular” precisa ser acompanhada da relevância dos espaços econômicos alternativos, ou seja, de locais de trocas socialmente lidos como não convencionais. Desse modo, o artigo apresenta uma síntese sobre a “Rolêfeira”. Essa feira no espaço público representa uma iniciativa concreta no município de Araraquara que promove uma ampla sociabilidade entre sujeitos e grupos

sociais diversos. Suas edições aconteciam desde 2017 no espaço público, com a periodicidade de dois meses. Os locais eram distintos, indo desde calçadas, ruas até praças. O mais importante espaço público utilizado pela comissão organizadora era a popularmente conhecida “Praça do Faveral”, que depois passou a abranger todas as edições. No contexto da crise sanitária, as edições ficaram suspensas desde 2020, sendo o seu retorno previsto para agosto de 2022. O objetivo é reconstruir todo o processo de idealização desse espaço econômico, suas motivações e seus principais resultados alcançados. Para alcançar esse propósito, será retomada uma entrevista concedida por uma representante da comissão organizadora desses eventos.

As edições da “Rolêfeira” foram pensadas como estratégias de promoção das economias criativa, colaborativa e sustentável na cidade, fortalecendo um canal de aproximação entre os feirantes e os potenciais consumidores. De acordo com a entrevistada, a comissão organizadora pensou essa lógica enquanto uma possibilidade de fomentar um ecossistema capaz de incentivar e apoiar esses setores da economia. A mudança de perspectiva, pensada pela comissão ao colocar o expositor como elemento central desses espaços econômicos alternativos, trouxe ganhos reais para a sociabilidade desenvolvida no espaço público. A maior visibilidade para os que estavam iniciando no segmento permitiu superar obstáculos da precariedade presente nessas atividades, tais como a baixa visibilidade e a própria dificuldade de encontrar um público disposto a conhecer novas formas de consumo nas cidades. Nesse sentido, a feira foi pensada para trazer maiores seguranças e estabilidades aos expositores. Outro aspecto fundamental, fomentado nesse ambiente de trocas diversas, é o fortalecimento de alternativas para as amplas dificuldades enfrentadas na esfera da reprodução econômica e social dos sujeitos. Essas dificuldades estão relacionadas, sobretudo, aos baixos salários encontrados no mercado de trabalho convencional e aos processos de insatisfação existentes nas relações contratuais entre o capital e o trabalho. Em função desse contexto amplo de problemáticas, a entrevistada reforçou que as economias incentivadas nessas edições das feiras representam as distintas possibilidades de organização dos indivíduos e grupos sociais para alcançar os seus objetivos materiais e também imateriais da subjetividade. Superar as dificuldades e suavizar os problemas intensificados pela precariedade, mais especificamente.

Não é possível deixar de ressaltar o papel ativo da sociedade civil na construção de projetos alternativos de organização social, econômica e política. A comissão organizadora reconhece que as parcerias desenvolvidas com o governo local só foram possíveis de serem efetivadas a partir dos resultados positivos alcançados com a “Rolêfeira”. Nesse sentido, foi destacado as maiores facilidades de interlocução devido à visibilidade de um projeto em andamento. *“Se eu tenho um projeto em andamento, é muito mais fácil eu conseguir esse apoio. Eu falo, olha, tenho algo legal aqui, quer apoiar?”* (Entrevistada 1, 2020). Ainda pensando os principais resultados alcançados, é importante ressaltar como o espaço da feira demonstrou novas possibilidades para os sujeitos interessados em uma transformação real de suas vidas, tanto no aspecto material quanto no aspecto subjetivo. *“Mesmo que seja uma renda extra, ela está ali fazendo e é uma possibilidade. A feira mostrou possibilidades para as pessoas de criar uma economia de maneira diferente”* (Entrevistada 1, 2020). Por essas razões, fica salientado o potencial transformador desses espaços econômicos alternativos, sobretudo nas movimentações para a sua implementação e no seu incentivo a outras racionalidades econômicas.

As relações sociais desenvolvidas nesse espaço de amplas trocas são multidimensionais, estimulando interações socioespaciais entre diversos sujeitos, desde os frequentadores, feirantes e artistas, até coletivos da sociedade civil, administração local e seus quadros técnicos. Em linhas gerais, esse espaço econômico alternativo favorece a articulação de três principais domínios no espaço urbano do município, sendo eles: i) o ambiente favorável à “economia criativa e popular”; ii) a promoção de atividades culturais e de lazer a céu aberto; e iii) a geração local de renda enquanto política pública setorial. O primeiro domínio está relacionado às possibilidades de integração socioeconômica dos sujeitos por meio da “economia criativa e popular”. O espaço geográfico oferece as condições concretas para o desenvolvimento das relações sociais em suas distintas esferas (SANTOS, 2017). Com esse pressuposto, é possível reconhecer como existe uma diversidade expressiva de formas de uso e apropriação do espaço, produzindo arranjos alternativos de produção, distribuição e consumo nas cidades. O ambiente encontrado na “Rolêfeira” é visto como favorável ao fortalecer essas redes alternativas. Nesse sentido, os agentes sociais não hegemônicos também encontram as suas possibilidades de participação na vida econômica local. O segundo domínio diz respeito ao fato desse espaço alternativo ser lido para além do seu aspecto econômico. Watson (2009) destacou que as pesquisas sobre “mercados” estão orientadas, principalmente, para o seu papel econômico desempenhado no espaço urbano. A leitura realizada pelo artigo evidencia as outras dimensões das relações sociais desenvolvidas na “Rolêfeira”. Dessa maneira, abrange a própria promoção de atividades culturais e de lazer ao longo de suas edições. Todo esse cronograma de atividades funciona como elemento de atração para as pessoas, fortalecendo o espaço público enquanto um local de lazer ao mesmo tempo em que amplia suas possibilidades econômicas devido ao maior número de frequentadores. Por fim, o último domínio demonstra

a centralidade do governo local nesse contexto da diversidade econômica. Martínez *et al.* (2018) avaliam como os mercados de rua são essenciais para aliviar a pobreza e o desemprego urbano, proporcionando rendas, bens e serviços para os grupos mais vulneráveis. Em função disso, os formuladores de políticas públicas apoiam as iniciativas da “Rolêfeira” por serem uma tentativa de resolver os problemas locais encontrados na dimensão da reprodução social e econômica dos sujeitos. Isso tudo fica expresso no Plano Municipal de Economia Criativa e Solidária (2018-2021), que funcionou como uma diretriz para promover não somente essa diversidade econômica, mas também os seus espaços econômicos alternativos. Em síntese, a “Rolêfeira” representa toda a complexidade existente nas cidades contemporâneas, sobretudo em relação as distintas dimensões da sociabilidade humana.

Feitas as considerações sobre o espaço da “Rolêfeira”, o artigo apresenta uma análise crítica sobre os dados e informações coletadas nos questionários aplicados com 44 práticas econômicas do segmento da intitulada “economia criativa e popular”. Esse conjunto de dados permitiu enfatizar seis principais características presentes nessas atividades, sendo elas: i) o segmento de atuação; ii) o número de responsáveis; iii) os vínculos entre os agentes; iv) a presença de registro; v) a renda mensal aproximada; e vi) a atividade enquanto fonte única de renda. A primeira característica chamou a atenção para o segmento de artesanato ser o mais expressivo entre as atividades investigadas. É possível representar esse segmento por meio da fabricação artesanal e caseira de brincos, braceletes, itens decorativos, brinquedos de madeira e afins. A segunda característica demonstrou a prevalência de apenas um sujeito responsável por todas as etapas do processo produtivo. Por outro lado, nas atividades com a presença de mais de um sujeito participante, os vínculos constatados foram de proximidade, tais como a amizade, o matrimônio e o parentesco. Essa constatação leva a compreender outros padrões associativos entre os sujeitos que fogem à ideia de assalariamento ou de relações contratuais. Pouco mais da metade das práticas econômicas analisadas não possui nenhum tipo de registro ou regulamentação, o que leva a compreender certos aspectos existentes nas próprias formulações sobre a economia informal. Apesar dessa característica, é importante salientar que a parcela restante de atividades apresenta o registro simplificado de Micro Empreendedor Individual (MEI). A expansão dos registros nesse formato abre espaço para considerações sobre o empreendedorismo nas cidades e, principalmente, as suas versões percorridas pelos elementos da precariedade. A quinta característica da “economia criativa e popular” em Araraquara evidenciou que a maioria das atividades movimentava até R\$ 1.500,00 mensais, aprofundando o contexto amplo de vulnerabilidades enfrentadas na esfera da reprodução social e econômica desses sujeitos. Por fim, a última característica encontrada diz respeito ao fato de quase metade dessas atividades ser a única fonte de renda desses indivíduos. Esse aspecto torna a discussão sobre estratégias de promoção dessas atividades por meio de políticas públicas ainda mais necessária. A outra parcela das atividades leva a compreender o segmento da “economia criativa e popular” também enquanto uma iniciativa de complementação dos rendimentos domésticos dos sujeitos. Portanto, cada uma dessas características permite compreender as feições das atividades vinculadas a esse setor da economia urbana, sua relevância para a economia local, bem como para os seus agentes, sobretudo em função do amplo contexto de dificuldades encontradas no universo do trabalho contemporâneo.

## 5. Considerações finais

O artigo apresentou uma ampla discussão teórica sobre a diversidade econômica encontrada sobretudo nas cidades do Sul global. O objetivo foi demonstrar como cada uma dessas possibilidades interpretativas trabalham de forma complementar para compreender a riqueza existente nas distintas formas, feições e estratégias de composição da renda dos grupos sociais não hegemônicos. Processos como a precarização do trabalho, a reestruturação do padrão de acumulação capitalista, bem como o desemprego em caráter estrutural, são condicionantes centrais para a expansão dessa complexidade presente no mundo do trabalho contemporâneo (ANTUNES, 2009; de PEUTER, 2011; FERREIRA, 2016; SIEGMANN e SCHIPHORST, 2016). No entanto, é preciso reforçar que o artigo deixou bastante evidenciado que as formas e feições precárias de trabalho não são uma exclusividade desses processos atuais nos países em desenvolvimento (SCULLY, 2016). A precariedade precisa ser reconhecida enquanto uma experiência anterior, sendo amplamente presente nesses territórios muito antes das transformações contemporâneas do capitalismo globalizado. Partindo desse princípio, o artigo procurou trazer uma reflexão crítica não somente sobre a pluralidade de práticas econômicas existentes no espaço urbano, mas também sobre as capacidades de compreensão mediante a utilização de um arcabouço multidisciplinar da geografia econômica com as demais ciências sociais. Nesse universo de atividades de pequena escala, a racionalidade está orientada para a reprodução social e econômica de seus agentes responsáveis, escapando à ideia de acumulação de capitais. A análise crítica dos dados e informações levantadas na “Rolêfeira” permitiu elaborar, em caráter exploratório, a concepção de “economia criativa e popular” como possibilidade de interpretação de certos aspectos da

diversidade econômica nas cidades. Sua principal característica está relacionada com a transformação de um determinado conhecimento ou habilidade em uma atividade capaz de gerar trabalho e renda no espaço urbano. Em síntese, o artigo chamou a atenção para a existência de distintos padrões de organização social, econômica e política para suprir as necessidades cotidianas desses grupos sociais.

### Agradecimentos

Esse artigo é produto de reflexões críticas desenvolvidas no campo interdisciplinar da geografia econômica. Representa o conjunto de pesquisadores e de instituições fundamentais para a construção da proposta trazida nos parágrafos acima. Primeiramente, destaco os agradecimentos ao conjunto de pesquisadores que foram utilizados enquanto marco teórico-conceitual desse trabalho. Suas ideias foram fundamentais. Em seguida, duas instituições devem ser mencionadas, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e a Universidade Pública. A primeira pelo apoio financeiro (processo nº 2019/24895-3) e a última pelo seu papel no desenvolvimento das mentalidades científicas do nosso país. O resultado só foi possível em função da convergência desses fatores.

### Referências

ÁLVAREZ, M. I. F. Más allá de la precariedad: prácticas colectivas y subjetividades políticas desde la economía popular argentina, **Íconos**, 62, pp. 21-38, 2018. Doi: <https://doi.org/10.17141/iconos.62.2018.3243>.

ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho, São Paulo: Editora Boitempo, 2009.

BENACH J.; MUNTANER C. Precarious employment and health: developing a research agenda, **J Epidemiol Community Health**, 61(4), pp. 276-277, 2007. Doi: <https://doi.org/10.1136/jech.2005.045237>.

CATAIA, M.; da SILVA, S. C. Considerações sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana na atualidade, **Boletim Campineiro de Geografia**, 3(1), pp. 55-75, 2013. Doi: <https://doi.org/10.54446/bcg.v3i1.111>.

CHEN, M. **The Informal Economy**: Definitions, Theories and Policies, WIEGO Working Paper No. 1, 2012.

CORAGGIO, J. L. **Economía urbana**: la perspectiva popular, Quito: Editorial Abya Yala, 1998.

COSTA, S. C. D. da. **Do precário ao plural**: realidades e possibilidades da economia popular no Brasil contemporâneo. Tese (Doutorado em Economia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, p. 204. 2016.

DAMINGER, A. The Cognitive Dimension of Household Labor, **American Sociological Review**, 84(4), pp. 609–633, 2019. Doi: <https://doi.org/10.1177/0003122419859007>.

de PEUTER, G. Creative Economy and Labor Precarity: A Contested Convergence, **Journal of Communication Inquiry**, 35(4), pp. 417–425, 2011. Doi: <https://doi.org/10.1177/0196859911416362>.

FERREIRA, M. Informal versus precarious work in Colombia: Concept and operationalization, **Progress in Development Studies**, 16(2), pp. 140–158, 2016. Doi: <https://doi.org/10.1177/1464993415623128>.

FICKEY, A. The Focus Has to be on Helping People Make a Living: Exploring Diverse Economies and Alternative Economic Spaces, **Geography Compass**, 5, pp. 237-248, 2011. Doi: <https://doi.org/10.1111/j.1749-8198.2011.00418.x>

FRANÇA FILHO, G. C. de (2002) Terceiro setor, economia social, economia solidária e economia popular: traçando fronteiras conceituais, **Bahia Análise & Dados**, 12(1), pp. 9-19, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25741>.

GAGO, V.; CIELO, C.; GACHET, F. Economía popular: entre la informalidad y la reproducción ampliada, **Íconos**, 62, pp. 11-20, 2018. Doi: <https://doi.org/10.17141/iconos.62.2018.3501>.

GIBSON-GRAHAM, J. K. Diverse economies: performative practices for 'other worlds', **Progress in Human Geography**, 32(5), pp. 613–632, 2008. Doi: <https://doi.org/10.1177/0309132508090821>.

GODFREY, B. J. Modernizing the Brazilian City, **Geographical Review**, 81(1), pp. 18–34, 1999. Doi: <https://doi.org/10.2307/215174>.

GRITZAS, G.; KAVOULAKOS, K. I. Diverse economies and alternative spaces: An overview of approaches and practices, **European Urban and Regional Studies**, 23(4), pp. 917–934, 2016. Doi: <https://doi.org/10.1177/0969776415573778>.

HABERMEHL, V. Everyday antagonisms: Organising economic practices in Mercado Bonpland, Buenos Aires, **Environment and Planning C: Politics and Space**, 39(3), pp. 536–554, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1177/2399654419887745>.

HABIB-MINTZ, N. To what extent can the informal economy concept adequately explain the dynamism of the non-formal sector in developing countries?, **Journal of International Business and Economy**, 10(1), pp. 1-19, 2009. Doi: <https://doi.org/10.51240/jibe.2009.1.1>.

HART, K. Informal income opportunities and urban employment in Ghana. **The Journal of Modern African Studies**, 11, pp. 61-89, 1973. Doi: <https://doi.org/10.1017/S0022278X00008089>.

HEALY, S. Economies, Alternative. In: KITCHIN, R., THRIFT, N. (eds) **International Encyclopedia of Human Geography**, Volume 3. Oxford: Elsevier, pp. 338-344, 2009.

HESPANHA, P. Da expansão dos mercados à metamorfose das economias populares, **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 84, pp. 49-63, 2009. Doi: <https://doi.org/10.4000/rccs.390>.

HIGGS, P.; CUNNINGHAM, S.; BAKHSHI, H. **Beyond the Creative Industries**: Mapping the Creative Economy in the United Kingdom, Nesta, United Kingdom, 2008.

ICAZA, A. M. S., TIRIBA, L. Economia Popular. In: CATTANI, A. D., LAVILLE, J. L., GAIGER, L. I., HESPANHA, P. (orgs) **Diário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Almedina, pp. 150-155, 2009.

KALLEBERG, A. L. Globalization and Precarious Work, **Contemporary Sociology**, 42(5), pp. 700–706, 2013. Doi: [10.1177/0094306113499536](https://doi.org/10.1177/0094306113499536).

LEE, C. K.; KOFMAN, Y. The Politics of Precarity: Views Beyond the United States, **Work and Occupations**, 39(4), pp. 388–408, 2012. Doi: <https://doi.org/10.1177/0730888412446710>.

MARTÍNEZ, L.; SHORT, J.R.; ESTRADA, D. The diversity of the street vending: A case study of street vending in Cali, **Cities**, 79, pp.18–25, 2018. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.cities.2018.02.018>.

MUNCK, R. The Precariat: a view from the South, **Third World Quarterly**, 34(5), pp. 747-762, 2013. Doi: <https://doi.org/10.1080/01436597.2013.800751>.

- NICHTER, S., GOLDMARK, L. Small Firm Growth in Developing Countries, **World Development**, 37(9), pp. 1453-1464, 2009. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2009.01.013>.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- SANTOS, M. **O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**, Traduzido por M.T.R. Viana, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.
- SCHIERUP, C.-U.; JORGENSEN, M. B. An Introduction to the Special Issue. Politics of Precarity: Migrant Conditions, Struggles and Experiences, **Critical Sociology**, 42(7-8), pp. 947-958, 2016. Doi: <https://doi.org/10.1177/0896920516640065>.
- SCULLY, B. Precarity North and South: A Southern Critique of Guy Standing, **Global Labour Journal**, 7(2), pp. 160-173, 2016. Doi: <https://doi.org/10.15173/glj.v7i2.2521>.
- SIEGMANN, K. A., SCHIPHORST, F. Understanding the globalizing precariat: From informal sector to precarious work, **Progress in Development Studies**, 16(2), pp. 111-123, 2016. Doi: <https://doi.org/10.1177/1464993415623118>.
- SILVEIRA, M. L. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo, **Caderno CRH**, 22(55), pp. 65-76, 2009. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792009000100004>.
- SILVEIRA, M. L. Metrópolis brasileiras: un análisis de los circuitos de la economía urbana, **EURE (Santiago)**, 33(100), pp. 149-164, 2007. Doi: <https://dx.doi.org/10.4067/S0250-71612007000300009>.
- SILVEIRA, M. L. Modernização contemporânea e nova constituição dos circuitos da economia urbana, **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, 19(2), pp. 245-261, 2015. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2015.102778>.
- SMITH, A.; MCBRIDE, J. Working to Live, Not Living to Work: Low-Paid Multiple Employment and Work-Life Articulation, **Work, Employment and Society**, 35(2), pp. 256-276, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1177/0950017020942645>.
- TIRIBA, L. O trabalho no olho da rua: fronteiras da economia popular e da economia informal, **Revista Trabalho Necessário**, 2(2), pp. 1-5, 2004. Doi: <https://doi.org/10.22409/tn.2i2.p3650>.
- WATSON, S. The Magic of the Marketplace: Sociality in a Neglected Public Space, **Urban Studies**, 46(8), pp. 1577-1591, 2009. Doi: <https://doi.org/10.1177/0042098009105506>.
- WEBB, J. W.; TIHANYI, L.; IRELAND, R. D.; SIRMON, D. G. You say illegal, I say legitimate: Entrepreneurship in the informal economy, **Academy of management review**, 34(3), pp. 492-510, 2009. Doi: <https://doi.org/10.5465/amr.2009.40632826>.
- YUSUFF, O. A Theoretical Analysis of the Concept of Informal Economy and Informality in Developing Countries, **European Journal of Social Sciences**, 20(4), pp. 624-636, 2011. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=A+Theoretical+Analysis+of+the+Concept+of+Informal+Economy+and+Informality+in+Developing+Countries&hl=pt-BR&as\\_sdt=0&as\\_vis=1&oi=scholar](https://scholar.google.com.br/scholar?q=A+Theoretical+Analysis+of+the+Concept+of+Informal+Economy+and+Informality+in+Developing+Countries&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholar).



BY



NC



SA

Este artigo é distribuído nos termos e condições do *Creative Commons Attributions/Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual* (CC BY-NC-SA).